

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DE ENGENHARIA E CIÊNCIAS AGRÁRIAS
CURSO DE AGRONOMIA

**FEIRA LIVRE DE COLONIA LEOPOLDINA: ASPECTOS E PERFIL DOS
FEIRANTES.**

ANDRÉ FILIPE FERREIRA DE SOUZA MENDES

RIO LARGO – AL

2025

ANDRÉ FILIPE FERREIRA DE SOUZA MENDES

**FEIRA LIVRE DE COLONIA LEOPOLDINA: ASPECTOS E PERFIL DOS
FEIRANTES.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Agronomia da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Engenharia Agrônômica.

Orientador: Prof. Dr. Jakes Halan de Queiroz Costa.

RIO LARGO- AL

2025

Ficha Catalográfica

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Campus de Engenharias e Ciências Agrárias

Bibliotecário Responsável: Erisson Rodrigues de Santana - CRB4 - 1512

M538f Mendes, André Filipe Ferreira de Souza.

Feira livre de Colonia Leopoldina: aspectos e perfil dos feirantes. / André Filipe Ferreira de Souza Mendes. – 2025.

45 f.: il.

Orientador(a): Jakes Halan de Queiroz Costa

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Agronomia) – Graduação em Agronomia, Campus de Engenharias e Ciências Agrárias, Universidade Federal de Alagoas. Rio Largo, 2025.

Inclui bibliografia

1. **Comercialização agrícola.** 2. **Agricultura familiar.** 3. **Economia popular.**
4. **Identidade cultural.** I. Título.


CDU: 339.177(813.5)

Folha de Aprovação

ANDRÉ FILIPE FERREIRA DE SOUZA MENDES


FEIRA LIVRE DE COLONIA LEOPOLDINA: ASPECTOS E PERFIL DOS FEIRANTES.

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à
banca examinadora do curso de Agronomia da
Universidade Federal de Alagoas e aprovado
em 07 de outubro de 2025.


Documento assinado digitalmente
 **JAKES HALAN DE QUEIROZ COSTA**
Data: 19/10/2025 09:48:51-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Orientador – Prof. Dr. Jakes Halan de Queiroz Costa

Banca examinadora:

Documento assinado digitalmente
 **YAMINA COENTRO MONTALDO**
Data: 24/10/2025 07:05:59-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Examinadora Externa – Profa. Dra. Yamina Coentro Montaldo

Documento assinado digitalmente
 **TANIA MARTA CARVALHO DOS SANTOS**
Data: 22/10/2025 07:33:25-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Examinadora Interna – Profa. Dra. Tania Marta Carvalho dos Santos

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser minha fonte de
força, fé e inspiração em todos os momentos.

Aos meus pais, Orlando e Fernanda, que sempre acreditaram em
mim e me deram amor, apoio e incentivo incondicionais, sendo
meu alicerce em cada etapa desta jornada.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida, pela saúde e pela força concedida em todos os momentos desta caminhada. Foi a fé que me sustentou diante dos desafios e me deu coragem para perseverar até a conclusão deste trabalho.

Ao meu orientador, Professor Jakes Halan de Queiroz Costa, pela orientação atenta, pela paciência e pelo apoio indispensável ao longo de todo o processo. Sua dedicação e seus ensinamentos foram fundamentais para a realização desta pesquisa.

Aos meus pais, Orlando e Fernanda, pelo amor incondicional, pelo apoio constante e pelos inúmeros sacrifícios feitos para que eu pudesse chegar até aqui. A eles devo não apenas a formação acadêmica, mas os valores que me guiaram nesta jornada.

Ao meu irmão Jorge, pelo incentivo, companheirismo e presença amiga em todos os momentos, sempre me lembrando da importância de seguir firme em meus objetivos.

Aos meus amigos, que, de diferentes formas, contribuíram com palavras de apoio, gestos de carinho e momentos de descontração que tornaram este percurso mais leve e significativo.

A todos, minha sincera gratidão.

A verdadeira motivação vem de realização,
desenvolvimento pessoal, satisfação no
trabalho e reconhecimento.

(Frederick Herzberg)

RESUMO

Com este Trabalho de Conclusão de Curso objetivou-se analisar a feira livre de Colônia Leopoldina (AL), destacando seus aspectos econômicos, sociais e culturais, bem como o perfil dos feirantes e consumidores. A pesquisa foi conduzida por meio de revisão bibliográfica, observação em campo e aplicação de entrevistas, possibilitando uma visão detalhada sobre a dinâmica da feira. Dos resultados ficou evidenciado que a feira constitui um dos principais canais de comercialização da agricultura familiar no município, garantindo geração de renda e sustento para um grande número de famílias. Verificou-se que 74,24% dos feirantes são residentes locais, o que confirma a forte ligação da feira com a economia interna, enquanto 25,76% são oriundos de municípios vizinhos, ampliando a diversidade de produtos ofertados. Do ponto de vista econômico, a feira se consolida como espaço de circulação de mercadorias e capital no próprio território, fortalecendo o comércio popular e funcionando como alternativa de competitividade frente ao comércio formal, sobretudo pela oferta de produtos frescos e acessíveis. No aspecto cultural, a feira livre representa um patrimônio imaterial de Colônia Leopoldina, preservando tradições transmitidas entre gerações e reafirmando a identidade local. A venda de alimentos típicos, a permanência de práticas de negociação baseadas na confiança e a convivência marcada pela oralidade transformam a feira em um espaço de memória coletiva e de valorização das raízes da comunidade. Além disso, a feira se configura como um espaço de trocas de conhecimentos e socialização. Os feirantes compartilham experiências sobre cultivo, manejo e técnicas de comercialização, enquanto os consumidores transmitem saberes culinários, hábitos alimentares e até cuidados com a saúde, fortalecendo uma rede de aprendizado coletivo. Esse caráter interativo amplia a relevância da feira para além da dimensão econômica, consolidando-a como ponto de encontro, convivência e circulação de informações, reforçando a coesão social e o sentimento de pertencimento. Conclui-se que a feira livre de Colônia Leopoldina representa um patrimônio material e imaterial do município, articulando tradição, economia popular e desenvolvimento territorial. Sua importância transcende a simples função de comércio, tornando-se um espaço multifuncional que alia cultura, economia e sociabilidade, fundamentais para a manutenção da identidade e da dinâmica urbana local.

Palavras-chave: comercialização agrícola; agricultura familiar; economia popular; identidade cultural.

ABSTRACT

This undergraduate thesis aimed to analyze the open-air market (*feira livre*) of Colônia Leopoldina (AL), highlighting its economic, social, and cultural aspects, as well as the profile of vendors and consumers. The research was conducted through a bibliographic review, field observation, and interviews, which provided a detailed view of the fair's dynamics. The results showed that the fair constitutes one of the main marketing channels for family farming in the municipality, ensuring income generation and livelihood for a significant number of families. It was found that 74.24% of the vendors are local residents, confirming the strong connection between the fair and the internal economy, while 25.76% come from neighboring municipalities, expanding the diversity of products offered. From an economic perspective, the fair strengthens popular trade and capital circulation within the territory, serving as a competitive alternative to the formal market due to the supply of fresh and accessible products. Culturally, the fair represents an intangible heritage of Colônia Leopoldina, preserving traditions passed down through generations and reaffirming local identity. The sale of typical foods, negotiation practices based on trust, and the daily interactions shaped by oral traditions make the fair a space of collective memory and cultural continuity. Moreover, the fair serves as a space for knowledge exchange and socialization. Vendors share experiences regarding cultivation, management, and marketing, while consumers transmit culinary knowledge, eating habits, and even health practices, thereby creating a network of collective learning. This interactive dimension consolidates the fair not only as a place of commerce but also as a meeting point that reinforces social cohesion and a sense of belonging. In conclusion, the open-air market of Colônia Leopoldina represents both a tangible and intangible heritage of the municipality, combining tradition, popular economy, and territorial development. Its importance goes beyond commercial activity, making it a multifunctional space that integrates culture, economy, and sociability—fundamental for maintaining the identity and urban dynamics of the local community.

Keywords: agricultural commercialization; family farming; popular economy; cultural identity.

LISTA DE FIGURAS

| | | |
|------------|---|----|
| Figura 01- | Localização do município de Colônia Leopoldina..... | 22 |
| Figura 02- | Vista parcial da rua Padre Francisco, rua principal da feira da cidade..... | 30 |
| Figura 03- | Feira livre de Colônia Leopoldina, banca de frutas e verduras..... | 30 |
| Figura 04- | Entrada principal do mercado público..... | 32 |
| Figura 05- | Localização e arredores da feira de Colônia Leopoldina..... | 33 |
| Figura 06- | Feirantes na feira de Colônia Leopoldina, por localidade de origem..... | 36 |
| Figura 07- | Composição entre feirantes residentes e não residentes da feira de Colônia Leopoldina..... | 36 |
| Figura 08- | Distribuição dos feirantes da feira livre, de Colônia Leopoldina, por gênero..... | 37 |
| Figura 09- | Produtos ofertados, por feirantes, na feira de Colônia Leopoldina..... | 38 |
| Figura 10- | Origem e canais de entrada dos produtos comercializados na feira livre de Colônia Leopoldina..... | 39 |
| Figura 11- | Renda média bruta dos feirantes, por feira livre, em Colônia Leopoldina. | 40 |
| Figura 12- | Distribuição dos feirantes entrevistados, por grau de escolaridade..... | 41 |
| Figura 13- | Produtos mais comercializados na feira livre de Colônia Leopoldina..... | 42 |

SUMÁRIO

| | | |
|-------------|---|-----------|
| 1. | INTRODUÇÃO..... | 10 |
| 2. | REVISÃO DE LITERATURA..... | 13 |
| 2.1 | Conceito e estrutura da comercialização agrícola..... | 13 |
| 2.2 | Canais de comercialização na agricultura familiar..... | 14 |
| 2.3 | Origem das feiras livres..... | 16 |
| 3. | MATERIAL E MÉTODOS..... | 18 |
| 4. | RESULTADOS E DISCUSSÃO..... | 20 |
| 4.1 | Localização e características físicas..... | 20 |
| 4.2 | Aspectos socioeconômicos..... | 24 |
| 4.3 | História da feira livre de Colônia Leopoldina..... | 27 |
| 4.4 | Análise Socioeconômica e cultural da feira livre de Colônia Leopoldina..... | 28 |
| 4.5 | A feira nos tempos modernos..... | 31 |
| 4.6 | Perfil dos feirantes..... | 34 |
| 4.7 | Distribuição dos feirantes, por localidade..... | 35 |
| 4.8 | Distribuição feirantes locais e feirantes não locais..... | 36 |
| 4.9 | Distribuição dos feirantes, por gênero..... | 37 |
| 4.10 | Produtos comercializados na feira de Colônia Leopoldina | 38 |
| 4.11 | Fontes de comercialização na feira de Colônia Leopoldina | 39 |
| 4.12 | Renda média bruta dos feirantes, por feira, em Colônia Leopoldina | 40 |
| 4.13 | Nível de escolaridade dos feirantes da feira livre de Colônia Leopoldina | 41 |
| 4.14 | Produtos mais comercializados na feira livre de Colônia Leopoldina | 42 |
| 5. | CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 44 |
| | REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 45 |

1. INTRODUÇÃO

A literatura sociológica e antropológica brasileira tem contribuído para a compreensão das feiras livres como fenômenos complexos que articulam dimensões econômicas, culturais e políticas. Geertz (1978), em seu estudo clássico sobre os mercados tradicionais, afirma que o comércio informal representa muito mais do que uma simples relação de oferta e demanda: é um espaço onde se constroem relações sociais baseadas na confiança, na reciprocidade e na tradição. No Brasil, autores como Lessa (2000) e Silva (2015) abordam as feiras como territórios de resistência cultural, destacando seu papel na manutenção de práticas sociais locais e na economia informal.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019), aproximadamente 41% dos municípios brasileiros possuem feiras livres regulares, sendo a maioria deles concentrados nas regiões Norte e Nordeste. Em Alagoas, segundo dados do Plano Estadual de Desenvolvimento Sustentável da Agricultura Familiar (2017), as feiras livres representam um dos principais canais de comercialização para a agricultura familiar e movimentam cerca de R\$ 120 milhões por ano. Essas feiras são também pontos de escoamento da produção rural, fortalecendo a economia dos pequenos produtores e promovendo o acesso da população urbana a alimentos frescos e a preços acessíveis.

Para Santos (2008), as feiras livres funcionam como “espaços de sociabilidade popular”, onde se estabelece uma cultura de rua que contrasta com os modelos impessoais dos supermercados e shoppings. Nas palavras da autora:

“As feiras são espaços onde a cultura popular se expressa de forma autêntica e onde a economia acontece com base em relações sociais diretas, muitas vezes alheias às lógicas capitalistas formais” (Santos, 2008).

Em Colônia Leopoldina, observa-se essa dinâmica claramente. Os feirantes, em sua maioria, são trabalhadores informais ou agricultores familiares que veem na feira uma possibilidade de sustento e de interação social. Os consumidores, por sua vez, encontram na feira produtos diversificados, frescos e acessíveis, além de manterem uma relação direta com os vendedores, que muitas vezes são conhecidos da comunidade.

As feiras livres alagoanas têm raízes históricas profundas, ligadas às primeiras formas de organização do comércio e da agricultura no estado. Desde o século XIX, esses

espaços foram essenciais para o abastecimento dos centros urbanos e para a integração entre zonas rurais e cidades. Ainda hoje, muitas feiras mantêm traços marcantes da cultura local, com a venda de produtos típicos como farinha de mandioca, rapadura, frutas da estação, galinhas caipiras, além de artesanato e utensílios domésticos.

Segundo um levantamento feito pelo SEBRAE Alagoas (2020), mais de 70 municípios no estado possuem feiras livres regulares. Em boa parte desses municípios, as feiras são responsáveis por movimentar até 30% da economia local semanal, o que demonstra sua importância como estratégia de desenvolvimento territorial.

Além disso, há um valor cultural significativo: durante a feira, é comum ouvir músicas populares tocadas em caixas de som ou por músicos ambulantes, além de observar modos de vestir e de falar característicos da população local. Para muitos moradores, a feira é também um ponto de encontro social e de convivência comunitária.

Diante desse cenário, este trabalho tem como objetivo geral investigar a importância cultural, social e econômica da feira livre de Colônia Leopoldina, analisando sua relevância para a agricultura familiar, o comércio local e a identidade cultural do município. Para alcançar tal finalidade, busca-se compreender o papel das feiras livres no contexto da economia informal e da agricultura familiar em Alagoas; analisar a dinâmica da feira de Colônia Leopoldina quanto à diversidade de produtos, à organização espacial e ao perfil dos feirantes; identificar sua contribuição para a economia local e para a geração de renda de pequenos produtores e comerciantes; examinar os aspectos culturais e sociais presentes nesse espaço, como práticas de sociabilidade, tradições e manifestações culturais; e, por fim, refletir sobre os desafios contemporâneos enfrentados pelas feiras livres diante da expansão do comércio formal e das transformações nos hábitos de consumo.

A análise da feira livre de Colônia Leopoldina à luz do referencial teórico e dos dados regionais permite compreendê-la como uma síntese entre tradição e sobrevivência econômica. Mesmo diante dos desafios contemporâneos, como a concorrência com o varejo formal, as mudanças nos hábitos de consumo e a precarização do trabalho informal, a feira continua sendo um elemento vital para a economia local e para a manutenção das tradições culturais.

Como espaço híbrido, onde se misturam mercadorias, histórias e relações sociais, a feira livre revela uma capacidade de adaptação constante e reafirma sua importância como

instrumento de inclusão econômica e cultural. Nas palavras de Lessa (2000), “a feira livre é o palco onde o povo se encontra, negocia, resiste e se reconhece”.

Assim, a presente pesquisa foi estruturada de modo a contextualizar teoricamente as feiras livres enquanto fenômeno social, histórico e econômico, além de analisar a realidade particular de Colônia Leopoldina. No próximo capítulo, será apresentado o referencial teórico, que fundamentará a discussão sobre os conceitos de comércio informal, canais de comercialização, agricultura familiar e cultura popular, elementos essenciais para compreender a complexidade do objeto de estudo.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Conceito e estrutura da comercialização agrícola

Em todas as sociedades, as atividades econômicas caracterizam-se por especialização e troca. Segundo Waquil, Miele e Schultz (2010), indivíduos, empresas, regiões e países se especializam porque não é viável desenvolver todas as atividades simultaneamente, o que torna a comercialização uma necessidade prática e econômica. No setor agrícola, essa comercialização está sujeita a inúmeros riscos e incertezas que impactam custos de produção e rentabilidade, afetando todos os agentes da cadeia produtiva (Waquil; Miele; Schultz, 2010).

A comercialização agrícola, sob uma visão tradicional, consiste na simples transferência de produtos do agricultor para outros agentes da cadeia, como a indústria ou o varejo, geralmente após a colheita e ainda nas proximidades da unidade produtiva (Waquil; Miele; Schultz, 2010). Essa definição, embora limitada, ainda é recorrente em muitos sistemas de produção agrícola.

Kotler (1998) define os canais de venda como um conjunto de organizações envolvidas na realização das atividades necessárias para conectar produtores a consumidores. Já Rosenbloom (2002) entende que os canais são redes organizadas de agentes que criam valor ao disponibilizar produtos e serviços. Para Novaes (2001), os canais envolvem agentes e instituições que integram atividades de marketing, podendo ser internos ou externos à empresa.

Segundo Sproesser e Lima Filho (2007), os canais de comercialização variam conforme a existência ou não de intermediários. Neves (2003) complementa que esses canais também garantem a logística, como transporte e armazenagem. A escolha do canal mais adequado depende da perecibilidade do produto, existência de intermediários e viabilidade econômica (Waquil; Miele; Schultz, 2010).

Coughlan et al. (2002) explicam que os intermediários ocupam posições estratégicas nos canais, e podem assumir funções como atacadistas e varejistas. Esses autores também classificam os canais em diretos e indiretos, sendo que os canais diretos dispensam a presença de intermediários, enquanto os indiretos incluem atacadistas, varejistas e distribuidores especializados.

Sproesser (2001) aponta que esses intermediários, embora possam reduzir custos comerciais e aumentar a eficiência, também podem prejudicar a cadeia ao não agregar valor ou ao inflacionar margens de lucro. Pelo lado da oferta, a inclusão de intermediários depende de sua capacidade de oferecer eficiência logística e redução de custos operacionais (Coughlan et al., 2002).

Almeida (1999), Kotler (2000) e Silva et al. (2016) discutem a estratégia dos múltiplos canais, como o uso simultâneo de internet, vendas diretas e pontos físicos. Mendes (2009) observa que a evolução do perfil do consumidor forçou empresas a diversificarem os canais de venda. Stern et al. (1996) e Coughlan et al. (2002) destacam variáveis como conveniência espacial, tempo de entrega, variedade e apoio de serviço como essenciais à eficácia dos canais.

2.2 Canais de comercialização na agricultura familiar

O processo de comercialização na agricultura familiar envolve uma série de etapas que ligam o produtor ao consumidor final. Entender esse percurso é essencial para compreender as estratégias de inserção do agricultor no mercado e como ele se posiciona dentro da cadeia produtiva. Os canais de comercialização são, portanto, as rotas por onde os produtos circulam até alcançarem os consumidores, e são caracterizados principalmente pelo número de intermediários envolvidos, podendo ser classificados em canais diretos ou indiretos (Sproesser; Lima Filho 2007).

A escolha dos canais mais adequados depende de diversos fatores, como a natureza e perecibilidade dos produtos, a presença de intermediários e os resultados econômicos ao longo da cadeia produtiva (Waquil; Miele; Schultz, 2010,). Em especial na agricultura familiar, observa-se uma polivalência nas formas de comercialização, combinando desde trocas indiretas e vendas diretas até a inserção em sistemas formais de distribuição e agroindústrias (Maluf, 2004; Wilkinson, 2008; Schneider, 2016).

Kotler (1998) destaca que os canais de venda são conjuntos de organizações que executam atividades com o objetivo de conectar produtores e consumidores. Complementando essa visão, Rosenbloom (2002) define os canais como sistemas formados por agentes e instituições voltados à criação de valor e disponibilização de produtos ao consumidor final. Conforme Araújo (2013), esses canais assumem diferentes formatos de acordo com o tipo de

produto agroalimentar comercializado, enquanto para Neves (2003), os canais viabilizam funções como transporte, armazenagem e a disponibilização dos produtos nos pontos de venda.

No contexto da agricultura familiar, Schneider (2010) afirma que a diversificação produtiva contribui para a resiliência das unidades familiares, ao oferecer um portfólio de canais de comercialização. Isso amplia as possibilidades de escolha por parte dos agricultores, possibilitando o acesso a mercados que proporcionem maiores vantagens socioeconômicas e ampliem os meios de vida e a autonomia das famílias rurais.

Dada a característica de produção em pequena escala, com oferta irregular e ausência de padronização, a agricultura familiar frequentemente utiliza canais curtos de comercialização, também chamados de circuitos curtos. Neles, a venda é feita diretamente ao consumidor ou com a participação de poucos intermediários, permitindo maior controle sobre preços e relacionamento direto com os clientes (Costa et al., 2011; Coughlan, 2002).

Ainda que os canais curtos tenham vantagens, a presença de intermediários pode ser necessária e até benéfica. Segundo Coughlan et al. (2002), intermediários desempenham funções essenciais no fluxo de produtos, como armazenagem e distribuição, especialmente quando o produtor não possui estrutura para comercialização direta. Sproesser (2001) argumenta que, quando bem integrados, os intermediários contribuem para a redução de custos e regularização da demanda, embora também possam gerar efeitos negativos, como altas margens sem agregação de valor ao produto.

Kotler (2000) aponta que os canais devem oferecer cinco serviços essenciais para satisfazer o consumidor: conveniência espacial, tempo de espera, fracionamento de grandes quantidades, variedade de produtos e serviços de apoio (como entrega e crédito). Assim, mesmo quando o produtor utiliza múltiplos canais simultaneamente, como feiras, internet ou venda porta a porta, ele pode priorizar aquele que melhor atenda às características do produto e às necessidades do público-alvo (Almeida, 1999; Kotler, 2000; Coughlan et al., 2002; Silva et al., 2016).

A evolução do comércio eletrônico, especialmente após a popularização da internet nos anos 1990, também impactou os canais de venda, ao permitir novas formas de interação entre produtores e consumidores (Lima et al., 2019). No Brasil, o crescimento da classe média e o aumento da demanda por alimentos mais saudáveis impulsionaram o mercado de produtos orgânicos, que vem se expandindo por razões ambientais, de segurança alimentar e de novos padrões de consumo (Lima et al., 2019).

As feiras agroecológicas, enquanto canais alternativos de comercialização, apresentam alto grau de fidelização por parte dos consumidores, como demonstra o estudo de Silva, Morais e Moreira (2021), no qual 72% dos entrevistados afirmaram frequentar esses espaços ao menos uma vez por semana, evidenciando um padrão regular de consumo e valorização da venda direta entre produtor e consumidor.

Dentro desse cenário, destaca-se a feira agroecológica itinerante do bairro Eustáquio Gomes, em Maceió-AL, como um exemplo bem-sucedido de canal de comercialização para agricultores familiares. Essa feira representa um espaço de troca de saberes e comercialização direta, contribuindo para práticas sustentáveis e para a geração de renda entre os agricultores (COSTA et al., 2020). Segundo os autores, “a feira agroecológica itinerante do bairro do Eustáquio Gomes se configura como um importante espaço de comercialização e troca de saberes entre agricultores e consumidores urbanos” (Costa et al., 2020).

2.3 Origem das feiras livres

As feiras livres são uma das formas mais antigas de comércio da história da humanidade. Desde os tempos antigos, na Mesopotâmia, Egito e Roma, populações realizavam trocas em mercados abertos que reuniam comerciantes locais e estrangeiros. Na Idade Média europeia, as feiras se tornaram eventos periódicos organizados por cidades ou reinos, sendo fundamentais para a circulação de mercadorias, cultura e informações. Muitas delas ocorriam em datas religiosas ou em função de colheitas, atraindo feirantes de diferentes regiões (Ferreira, 2003).

Com o processo de colonização, a prática das feiras chegou ao continente americano, inclusive ao Brasil. As primeiras feiras brasileiras surgiram no período colonial, especialmente como uma forma de escoar produtos agrícolas vindos dos engenhos, sítios e pequenas lavouras. Em cidades como Salvador e Recife, as feiras se consolidaram como o principal meio de abastecimento urbano (Araújo; Ribeiro, 2017).

Durante os séculos XIX e XX, as feiras livres se espalharam pelo interior do Brasil, acompanhando o crescimento das cidades e vilarejos. Com a urbanização crescente, o papel das feiras como espaço de trocas sociais e culturais se fortaleceu, apesar da competição com supermercados e redes varejistas modernas. Em várias regiões, as feiras resistiram e se adaptaram, tornando-se parte da identidade cultural das cidades.

No estado de Alagoas, as feiras livres são manifestações enraizadas no cotidiano e na economia local. Elas desempenham um papel essencial no escoamento da produção da agricultura familiar, especialmente nos municípios do interior. Em Maceió e em cidades do agreste e sertão alagoano, as feiras não apenas abastecem a população com produtos frescos, mas também são locais de sociabilidade e de manutenção de tradições populares, como a venda de comidas típicas, artesanato e produtos naturais (Silva; Oliveira, 2015).

No município de Colônia Leopoldina, localizado na região norte de Alagoas, a feira livre representa um dos principais espaços de comercialização e de encontro social. Realizada semanalmente, geralmente aos sábados, a feira ocupa parte das ruas centrais da cidade e recebe feirantes das zonas rurais e até de municípios vizinhos. Além de frutas, legumes, carnes e outros alimentos, são comercializados também roupas, utensílios domésticos e produtos regionais.

A feira de Colônia Leopoldina está intimamente ligada à dinâmica da agricultura familiar local, permitindo que pequenos produtores vendam diretamente ao consumidor final, sem intermediação. Esse modelo favorece a geração de renda no campo, amplia o acesso a alimentos frescos e cria vínculos entre campo e cidade. Muitos consumidores valorizam essa relação direta e a diversidade de produtos oferecidos.

Além do aspecto econômico, a feira da cidade é também um espaço cultural e simbólico: nela se encontram vizinhos, circulam histórias, ouvem-se músicas e compartilham-se experiências. A continuidade da feira, mesmo diante de desafios como a modernização do comércio e a pandemia da COVID-19, demonstra sua resiliência e importância histórica para a população local.

3. MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa tem como objeto de estudo a feira livre de Colônia Leopoldina, município situado na região da Zona da Mata do estado de Alagoas, reconhecido historicamente por sua relevância na produção agrícola e no comércio regional. A feira livre constitui-se como um dos principais espaços de abastecimento e interação social da cidade, reunindo semanalmente feirantes residentes no próprio município e comerciantes oriundos de localidades vizinhas, incluindo produtores rurais que ofertam diretamente seus produtos ao consumidor.

Colônia Leopoldina é um exemplo claro dessa realidade. Localizado na Zona da Mata alagoana, o município tem na feira livre de sábado um dos principais eventos comerciais da semana. A feira atrai feirantes de outras cidades, como Joaquim Gomes, Novo Lino, Ibateguara e União dos Palmares, além de consumidores das zonas urbana e rural. A diversidade de produtos ofertados e a presença constante de compradores reforçam o valor econômico da feira.

O estudo parte do entendimento de que as feiras livres não desempenham apenas a função de comercialização de bens, mas também representam importantes manifestações culturais, guardando elementos da tradição local e fortalecendo laços comunitários. Em Colônia Leopoldina, esse espaço assume papel central na economia urbana e rural, funcionando como elo entre o campo e a cidade, além de contribuir para a geração de renda, circulação de mercadorias e manutenção de circuitos curtos de comercialização.

A pesquisa foi conduzida por meio de abordagem qualitativa e quantitativa, envolvendo levantamento bibliográfico e investigação em campo. Na etapa bibliográfica, buscou-se fundamentar teoricamente o estudo, com base em autores que tratam sobre comercialização, economia local, cultura popular e agricultura familiar. Na etapa de campo, foram realizadas visitas à feira, observações sistemáticas e contatos diretos com feirantes, lideranças comunitárias e consumidores, com o intuito de obter dados consistentes para a análise proposta.

As entrevistas aplicadas aos feirantes foram elaboradas a partir de roteiros semiestruturados, contemplando questões abertas e fechadas. Esse instrumento permitiu tanto a construção de um perfil socioeconômico dos entrevistados quanto o resgate de informações sobre a origem e o desenvolvimento histórico da feira livre na cidade. Essa dimensão histórica

foi fundamental para compreender a evolução da feira desde sua formação, suas adaptações ao longo do tempo e sua permanência como instituição social e econômica relevante.

Os dados coletados foram organizados e tabulados com o uso do software Microsoft Excel, possibilitando a conversão das informações em percentuais e a visualização mais clara dos resultados obtidos. A análise desses dados permitiu identificar padrões, características predominantes e especificidades do comércio realizado na feira, resultando em um diagnóstico detalhado do funcionamento e da importância do espaço.

Com base nesse conjunto de informações, elaborou-se o relatório de pesquisa que integra este Trabalho de Conclusão de Curso, no qual os resultados são apresentados, discutidos e relacionados ao contexto socioeconômico e cultural de Colônia Leopoldina. Dessa forma, espera-se contribuir para o entendimento da feira livre como patrimônio vivo da cidade, capaz de refletir e influenciar tanto a dinâmica econômica quanto a identidade cultural local.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Localização e características físicas

A cidade de Colônia Leopoldina, sede do município de Colonia Leopoldina, em Alagoas está situada no Vale do Rio Jacuípe, bem próximo à Serra do Teixeira, a primitiva povoação teria surgido no começo do século XIX. Sabe-se, contudo, que o território chegou a pertencer ao município de Porto Calvo até 1901. Só a partir de 1852, com a instalação da colônia militar foi que se efetivou como povoado. A colônia foi criada com muita festa e com a presença, inclusive, do presidente da província de Alagoas, José Bento da Cunha Figueredo. A história não registra os motivos para a instalação da colônia militar. Os antigos moradores contam que o objetivo era combater e exterminar o banditismo que dominava as matas de Porto Calvo. O primeiro comandante e diretor-fundador da colônia foi o tenente João da Gama Lobo Bentes. A colônia também foi dirigida por Olavo Elói Pessoa da Silva e pelo alferes Augusto Pereira Ramalho.

Em 5 de janeiro de 1860, a colônia recebeu o Imperador Dom Pedro II. A passagem de Dom Pedro consolidou o povoado e se tornou fato histórico. A antiga casa da diretoria onde se hospedou o imperador existe até hoje. Em data de 5 de janeiro de 1860, Dom Pedro II e sua comitiva plantou 4 (quatro) mudas de castanholas, sendo que 2 (duas) sobrevivem até o presente. Como atrativo turístico, é a Serra da Catita, com sua cachoeira, abaixo da cachoeira a antiga ponte do Catita, construída no período de 1919 e 1922, pelo então Governador Dr. José F. da Silva. Quando a colônia militar foi extinta, em 1867, Leopoldina continuou sob a jurisdição de Porto Calvo e logo depois entrou em decadência. A Lei 372, de 1861, criou o distrito de Leopoldina e uma outra lei, em 1901, elevou-o à vila e depois município. Isso contribuiu para que a antiga colônia voltasse a progredir.

Em 1923, passou à condição de cidade. A freguesia foi criada sob as bênçãos de Nossa Senhora do Carmo, comemorada em 16 de janeiro, mas a comunidade festeja, também, São Sebastião, São João e São Pedro. Além das festas cristãs, Colônia comemora também sua Emancipação (16 de julho). Economicamente o município dispõe da cultura de cana-de-açúcar, destacando-se a produção de bananas no estado, boa produção de culturas de subsistências. Relevante, também a pecuária que reflete grande economia para o município. O município é apreciado por 2 (dois) parques industriais de grande porte, Usina Taquara S.A. e

Destilaria Autônomo Porto Alegre Ltda. Localização: Situa-se na Microrregião da Mata Alagoana, sendo seus limites: Ibateguara, Joaquim Gomes, Novo Lino, Maraial (Pe), Água Preta (Pe). Situada na Mesorregião do Leste Alagoano. Microrregião da Mata Alagoana. Limites com Ibateguara, Joaquim Gomes, Novo Lino e Pernambuco. 155 metros acima do nível do mar. Tendo uma área de 207,894 km², Clima: Temperado. Máxima de 39° C e mínima de 27° C, uma população estimada em 15.949 habitantes.

Com o seu relevo predominante é ondulado, caracterizado por superfícies dissecadas típicas do Agreste alagoano, com morros suaves, vales e áreas planas propícias à agricultura. A altitude média gira em torno de 190 metros, podendo variar entre 124 m e 499 m acima do nível do mar, conforme a topografia local. Essas variações altimétricas criam microclimas e influenciam o tipo de vegetação e o uso da terra, favorecendo práticas como o cultivo de frutas e a pecuária.

O clima de Colônia Leopoldina é classificado como tropical úmido com estação seca (segundo Köppen-Geiger), com médias anuais de precipitação em torno de 1.383 mm. A estação chuvosa ocorre entre abril e julho, com picos nos meses de junho e julho, quando o índice ultrapassa 200 mm por mês. Já a estação seca se estende de agosto a março. A temperatura média anual é de aproximadamente 23,2 °C, com variações entre 18 °C nas mínimas e até 35 °C nas máximas durante o verão.

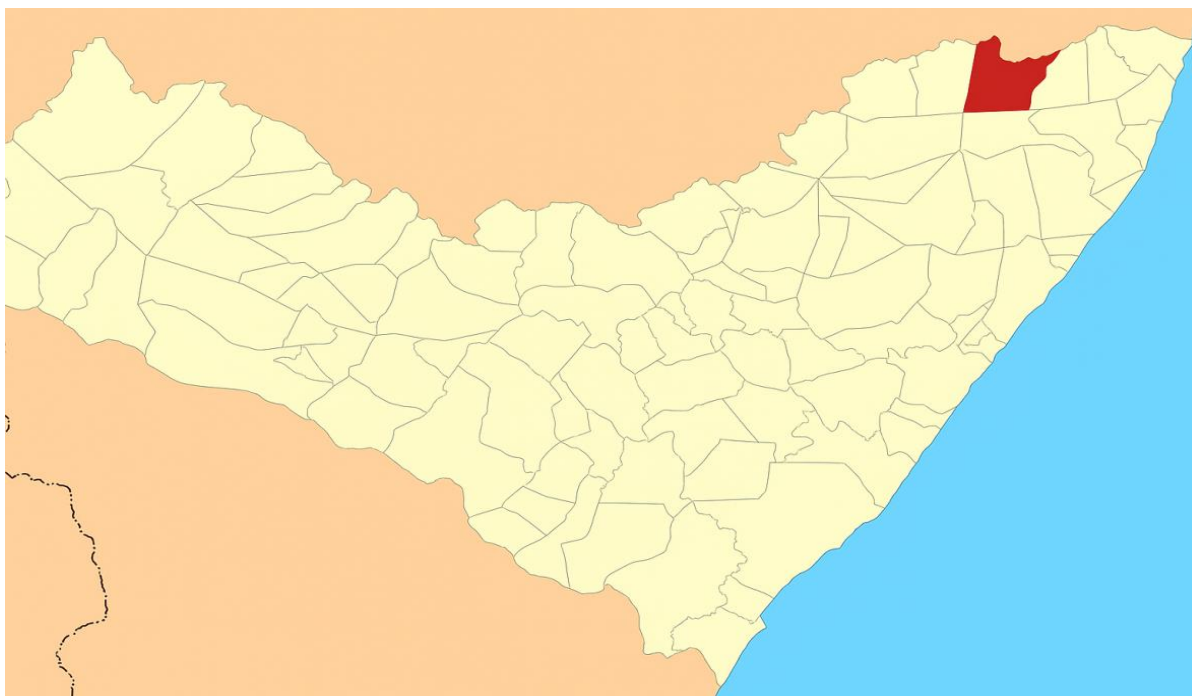
O principal curso d'água que atravessa o município é o Rio Jacuípe, que nasce na Serra da Catita. Esse rio desempenha papel essencial no abastecimento rural e nas atividades agrícolas e pesqueiras, especialmente na zona ribeirinha.

Quanto ao uso do solo, observa-se uma predominância de terras agricultáveis e pastagens, com cobertura vegetal reduzida. Em um raio de 3 km do centro urbano, cerca de 49% do solo é utilizado para agricultura, seguido por 22% de áreas com arbustos, 16% com árvores e 13% com pastagens. Essa ocupação reflete o predomínio de atividades econômicas voltadas à agropecuária e ao cultivo de culturas como cana-de-açúcar, milho e frutas especialmente a banana.

O município de Colônia Leopoldina, situado na Zona da Mata alagoana, apresenta uma economia marcada principalmente pela força da agricultura, pela presença de agroindústrias e pelo papel das atividades comerciais informais, entre as quais destaca-se a feira livre local. A economia da cidade possui uma base tradicional e está fortemente ancorada no

setor primário, refletindo uma realidade típica de muitos pequenos municípios nordestinos (Figura 1).

Figura 01- Localização do município de Colônia Leopoldina – AL



Fonte: Autor, 2025

De acordo com dados do portal Caravela (2025), o Produto Interno Bruto (PIB) municipal é de aproximadamente R\$ 397,4 milhões, com um PIB per capita de R\$ 18,1 mil — valor abaixo da média estadual. A agropecuária representa a maior parcela da economia, contribuindo com cerca de 52,1% do PIB municipal, seguida pela administração pública (28,1%), o setor de serviços (15,1%) e a indústria (4,8%). A atividade agrícola é voltada, principalmente, para o cultivo da cana-de-açúcar e de frutas como a banana, além da criação de animais. Destacam-se ainda a presença da Usina Taquara S.A. e da Destilaria Autônoma Porto Alegre Ltda., que representam polos agroindustriais importantes para a geração de empregos e renda (Caravela, 2025).

Apesar da relevância desses empreendimentos, grande parte da população economicamente ativa ainda se encontra inserida em ocupações de baixa remuneração. Segundo o mesmo levantamento, os principais empregos formais em Colônia Leopoldina são ocupados por trabalhadores volantes da agricultura, faxineiros e assistentes administrativos. A renda

média dos trabalhadores com carteira assinada gira em torno de R\$ 1,5 mil, significativamente inferior à média estadual, que é de R\$ 2,7 mil (Caravela, 2025).

Dentro desse contexto, a feira livre de Colônia Leopoldina cumpre um papel fundamental na sustentação da economia informal e na dinamização do comércio local. Realizada tradicionalmente aos sábados, a feira é um dos principais espaços de circulação de bens, pessoas e culturas no município. Conforme destaca o portal Portal Entretenimento (2023), a feira é considerada o “maior supermercado a céu aberto” da cidade, com presença de uma ampla variedade de produtos, como hortaliças, frutas, peixes, carnes, temperos, utensílios domésticos e itens de vestuário.

Além de abastecer a população com produtos frescos e acessíveis, a feira também é um espaço de geração de renda para pequenos produtores, agricultores familiares e microempreendedores, muitos dos quais não possuem outras formas de inserção no mercado formal. Em períodos festivos ou feriados religiosos, como na semana da padroeira Nossa Senhora do Carmo, a feira é antecipada para a sexta-feira, demonstrando sua importância na dinâmica urbana e na rotina dos moradores (Coloniafest, 2023).

A feira livre também possui um forte componente cultural e social, funcionando como ponto de encontro e convivência entre os moradores. É um espaço onde se preservam práticas tradicionais de comercialização direta, negociação oral e trocas simbólicas entre produtores e consumidores. Tais características tornam a feira não apenas um canal de comercialização, mas um verdadeiro espaço de construção de identidade coletiva e fortalecimento do tecido social da cidade.

Outro aspecto relevante é a conexão da feira livre com políticas públicas de incentivo à agricultura familiar. Em anos anteriores, houve iniciativas relacionadas ao Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), por meio da Feira da Agricultura Familiar, permitindo que os pequenos agricultores pudessem comercializar diretamente seus produtos para a merenda escolar, fortalecendo os circuitos curtos de comercialização (Leopoldinese, 2021). Essas ações reforçam o potencial estratégico da feira como elo entre produção local, segurança alimentar e desenvolvimento sustentável.

Em termos de empreendedorismo, o município demonstra avanços moderados. Em 2024, foram registradas 13 novas empresas, número que chegou a 7 apenas no primeiro semestre de 2025, indicando certo dinamismo apesar das limitações estruturais. Iniciativas como o programa "Empreende Alagoas", que capacitou recentemente 50 novos

empreendedores locais, mostram que há interesse e mobilização para impulsionar o setor informal e micro empresarial, com apoio institucional (AL1, 2025).

Portanto, a feira livre de Colônia Leopoldina se configura como um eixo central da economia popular local, articulando produção agrícola, comércio informal, cultura e políticas públicas. Em um cenário de fragilidade econômica e dependência do setor agroindustrial, as feiras representam espaços de resistência, circulação de renda e preservação da identidade comunitária, fundamentais para a coesão e o desenvolvimento territorial.

4.2 Aspectos socioeconômicos

O município de Colônia Leopoldina, localizado na região da Zona da Mata alagoana, apresenta características socioeconômicas que refletem tanto sua origem histórica agroexportadora quanto os desafios contemporâneos relacionados à infraestrutura, desigualdade social e informalidade econômica. Com uma população estimada em 15.949 habitantes e uma área de aproximadamente 201 km², o município compõe um território de pequeno porte, marcado por forte influência da agricultura e pela baixa diversificação econômica (IBGE, 2024).

A economia local é ancorada principalmente na agropecuária, que responde por cerca de 52,1% do Produto Interno Bruto (PIB) do município. A administração pública contribui com 28,1%, o setor de serviços com 15,1% e a indústria representa apenas 4,8% do total (Caravela, 2025). Essa composição revela uma dependência significativa das atividades primárias e da presença do Estado como principal indutor de políticas públicas, emprego e renda. O PIB per capita, estimado em R\$ 18.115,76, é inferior à média estadual, refletindo um cenário de baixa produtividade econômica e renda limitada para a população (IBGE, 2024).

Dentro dessa estrutura socioeconômica, destaca-se o papel central da feira livre de Colônia Leopoldina. Realizada tradicionalmente aos sábados, a feira representa muito mais do que um espaço comercial: é um ambiente de trocas econômicas, culturais e simbólicas. De acordo com o portal Portal Entretenimento (2023), a feira funciona como o “maior supermercado da cidade”, reunindo semanalmente agricultores, consumidores, comerciantes e moradores da zona urbana e rural em torno da comercialização de alimentos, utensílios, roupas e outros bens essenciais.

No Quadro 01 são apresentados os principais indicadores econômicos do município, evidenciando fragilidades e potenciais de desenvolvimento. O PIB per capita de R\$

18,1 mil, abaixo da média estadual, demonstra uma limitação estrutural na geração de riqueza, refletindo-se em baixa capacidade de consumo da população. A base econômica, centrada na agricultura (cana-de-açúcar, bananas e pecuária), ainda mantém forte dependência de atividades primárias, complementada pela administração pública e pelo setor de serviços.

Quadro 01 - Aspectos econômicos e sociais de Colônia Leopoldina.

| Aspecto | Detalhe |
|-----------------------|--|
| PIB per capita | R\$ 18,1 mil (abaixo da média estadual e regional) |
| Base econômica | Agricultura (cana, bananas, pecuária), administração pública, serviços |
| Indústria local | Usina e destilaria de grande porte |
| Emprego formal | 2,9 mil vagas; salário médio baixo |
| Distribuição de renda | Alta presença de classes de baixa renda, pouca elite econômica |
| Comércio | Pouco diverso, representando 7% dos empregos formais |
| Empreendedorismo | Sinais positivos, mas ainda com baixa densidade e crescimento lento |

Fonte: Autor 2025

O município conta com a presença de uma usina e destilaria de grande porte, o que evidencia um polo agroindustrial importante, mas concentrado em poucos atores, gerando forte desigualdade. O mercado de trabalho formal apresenta cerca de 2,9 mil vagas, com predominância de salários baixos, revelando uma inserção ocupacional frágil.

A distribuição de renda reforça essa desigualdade, marcada pela presença de maioria em classes de baixa renda e uma elite econômica restrita. O comércio, pouco diverso, representa apenas 7% dos empregos formais, o que limita a competitividade local. Apesar disso, há sinais de empreendedorismo em crescimento, embora ainda lento, indicando um espaço de oportunidades para novos arranjos produtivos, especialmente se integrados à agricultura familiar e à feira livre.

A feira livre constitui, portanto, um verdadeiro eixo de dinamização econômica informal. Em um município com cerca de 2.900 empregos formais e renda média de apenas R\$

1.500 mensais, o espaço da feira oferece alternativas de geração de renda para pequenos produtores, microempreendedores e comerciantes autônomos (Caravela, 2025). Muitos dos feirantes atuam na informalidade, sem registro formal de suas atividades, mas desempenham papel essencial na estrutura econômica local, principalmente na circulação de recursos e no fortalecimento da agricultura familiar.

Socialmente, a feira também representa um espaço de convivência e identidade comunitária. Ela integra diferentes grupos sociais — trabalhadores rurais, donas de casa, jovens e idosos — num ambiente de trocas diretas, onde o relacionamento entre vendedor e comprador é pautado por vínculos sociais duradouros, confiança mútua e reciprocidade. Esse aspecto é especialmente relevante em um município onde o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) é de apenas 0,517, o que demonstra limitações no acesso a saúde, educação e renda (IBGE, 2010).

Além disso, a feira tem se articulado, ainda que de maneira pontual, a políticas públicas de incentivo à produção local. Um exemplo foi a realização da Feira da Agricultura Familiar, em parceria com programas federais como o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), que possibilitou aos produtores rurais a comercialização de produtos para a merenda escolar, fortalecendo os circuitos curtos de comercialização e promovendo segurança alimentar (Leopoldinense, 2021).

No contexto mais amplo, Colônia Leopoldina enfrenta diversos desafios estruturais. A infraestrutura urbana é limitada: dos 5.268 domicílios existentes, apenas 3.264 têm abastecimento regular de água, embora 5.096 estejam conectados à rede elétrica (Informações do Brasil, 2025). O município possui um quadro educacional relativamente positivo — com taxa de escolarização de 94,5% entre crianças de 6 a 14 anos —, mas a desigualdade social ainda é acentuada: mais de 1.300 pessoas vivem com até $\frac{1}{4}$ do salário-mínimo, enquanto apenas quatro indivíduos recebem mais de 30 salários-mínimos (Informações do Brasil, 2025).

Do ponto de vista fiscal, o município apresenta fragilidades: a receita tributária per capita é de apenas R\$ 79,65, revelando uma alta dependência de transferências governamentais. A capacidade de investimento e poupança pública também é limitada, e o resultado fiscal é negativo, o que restringe a autonomia para planejar políticas sociais e estruturais de longo prazo (Meu município, 2021).

Diante desse cenário, a feira livre de Colônia Leopoldina emerge como um mecanismo de compensação econômica e social. Ela supre, de forma popular e descentralizada,

lacunas deixadas pelo Estado, promove o consumo de produtos locais, estimula o empreendedorismo informal e reforça os laços de solidariedade entre os cidadãos. Por essas razões, além de sua função econômica, a feira deve ser compreendida como um patrimônio imaterial do município, sendo estratégica para o fortalecimento da agricultura familiar, da cultura local e da coesão social.

4.3 História da feira livre de Colônia Leopoldina

A história econômica de Colônia Leopoldina, localizada no Vale do Rio Jacuípe, está profundamente vinculada à agricultura e ao comércio tradicional. Desde sua origem como colônia militar, a localidade estruturou sua economia em atividades agropecuárias, inicialmente desenvolvidas por indígenas e, posteriormente, por ex-escravizados. Destacam-se, ao longo de sua trajetória, culturas como cana-de-açúcar, banana, abacaxi, feijão e laranja, que desempenharam papel central no abastecimento alimentar e no comércio regional (Melo Neto, 2019; SECOM-AL, 2020).

Com o crescimento populacional e a ampliação das lavouras, a feira livre consolidou-se como um dos principais canais de comercialização, fortalecendo a economia local. No início do século XX, a feira possuía características essencialmente rurais e informais: os produtores chegavam à cidade em carroças, cavalos ou a pé, trazendo mercadorias diretamente das propriedades. Produtos como macaxeira, milho, frutas e carnes eram expostos sobre lonas ou mesas improvisadas, muitas vezes sem embalagem. As transações ocorriam, em sua maioria, em dinheiro vivo, mas o escambo ainda era praticado. A feira ocupava trechos de ruas centrais, sem barracas padronizadas ou fiscalização formal, e as unidades de medida eram tradicionais, como litros medidos em latas e quilos em balanças de prato. O contato direto entre produtores e consumidores criava vínculos de confiança e fidelidade (Costa, 2014).

Atualmente, a feira concentra-se nas proximidades do Mercado Público Municipal e apresenta maior organização, com barracas padronizadas e cobertura, mantendo a oferta de produtos agrícolas, mas incorporando mercadorias industrializadas, roupas, utensílios e calçados. O uso de balanças eletrônicas, embalagens e transporte motorizado substituiu práticas antigas, e métodos de pagamento digitais, como PIX e cartões, começam a se difundir, especialmente entre feirantes mais jovens. Comerciantes de municípios vizinhos ampliam a variedade de produtos, transformando a feira em polo de abastecimento regional (Jornal Minha Colônia, 2007).

Além de seu papel econômico, a feira livre permanece como espaço de convivência comunitária e preservação de tradições culturais, funcionando como elo entre a produção rural e o consumo urbano. Sua capacidade de adaptação aos novos padrões de mercado e exigências sanitárias reforça sua relevância para a identidade e o desenvolvimento socioeconômico de Colônia Leopoldina (Melo neto, 2019; Costa, 2014).

4.4 Análise socioeconômica e cultural da feira livre de Colônia Leopoldina

A feira livre do município de Colônia Leopoldina, situado na Zona da Mata Norte de Alagoas, representa um dos mais significativos espaços de articulação entre economia informal, produção agrícola familiar e identidade cultural. Mais do que um espaço comercial, a feira constitui um verdadeiro fenômeno social, cultural e econômico que molda a dinâmica cotidiana da cidade e reflete tanto os desafios quanto as potencialidades locais.

Colônia Leopoldina é um município de pequeno porte, com cerca de 16 mil habitantes, dos quais uma parcela expressiva vive em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Dados do IBGE (2024) apontam que aproximadamente 26% da população vive com renda per capita inferior a meio salário-mínimo. Nesse contexto, a feira livre emerge como uma das principais alternativas de geração de renda e ocupação para trabalhadores informais, agricultores familiares e pequenos comerciantes.

A economia municipal é baseada em atividades primárias, como o cultivo da cana-de-açúcar, banana e mandioca, além da criação de animais de pequeno porte. Contudo, a comercialização desses produtos ocorre majoritariamente através de canais informais — com a feira livre sendo o principal deles. Realizada tradicionalmente aos sábados, a feira movimenta dezenas de bancas e barracas, onde se comercializam hortaliças, frutas, grãos, carnes, vestuário, utensílios domésticos e produtos artesanais.

Segundo o portal Caravela (2025), a feira contribui significativamente para a economia local ao permitir a circulação de recursos financeiros em escala microeconômica, reduzindo a dependência de supermercados e grandes redes comerciais. Para muitos pequenos produtores, ela é o principal (e por vezes único) canal de escoamento da produção agrícola, sobretudo quando se consideram os baixos índices de industrialização e infraestrutura logística da região.

Além disso, a feira se conecta diretamente com o conceito de circuitos curtos de comercialização, que priorizam relações diretas entre produtores e consumidores, sem

intermediários. Essa dinâmica favorece tanto o acesso a alimentos frescos e com preços mais acessíveis quanto a valorização do trabalho rural local (Schneider, 2016).

No aspecto cultural, a feira livre é um espaço de expressão da identidade popular e das tradições locais. É nela que se mantêm vivos costumes como o “barganho” (troca informal ou negociação de preço), a culinária típica com pratos preparados na hora, e o encontro semanal entre moradores das zonas urbana e rural. Esses elementos constituem um patrimônio imaterial que reforça os laços comunitários e promove a coesão social.

Como destaca Geertz (1978), as feiras são também palcos onde se representa o modo de vida de uma sociedade. No caso de Colônia Leopoldina, essa representação se dá através do sotaque nordestino, da música regional tocada em caixas de som improvisadas, dos cheiros da tapioca na chapa, do colorido das barracas de frutas e da oralidade constante nas negociações.

A feira funciona como um ambiente de socialização, onde as relações interpessoais se sobrepõem às meramente econômicas. É comum que clientes comprem fiado, que se troquem receitas entre vendedores e que se compartilhem notícias da cidade. Esse traço cultural fortalece o senso de pertencimento à comunidade e confere à feira um papel de integração social, sobretudo em uma cidade com poucos espaços públicos de convivência.

Apesar de sua importância, a feira livre de Colônia Leopoldina enfrenta desafios estruturais, como a falta de infraestrutura adequada (cobertura, sanitários, bancas fixas), ausência de políticas públicas de fomento à agricultura familiar e informalidade nas relações de trabalho. A maioria dos feirantes não possui CNPJ ou inscrição estadual, o que os exclui de programas de crédito, assistência técnica e previdência social.

Por outro lado, a feira representa uma enorme potencialidade para o desenvolvimento local. Sua institucionalização e valorização por meio de políticas públicas poderiam ampliar sua contribuição para a segurança alimentar, sustentabilidade e valorização da cultura local. A inclusão de uma feira da agricultura familiar permanente, como já foi proposto por órgãos municipais (Leopoldinense, 2021), seria uma estratégia relevante para promover renda, diversidade alimentar e práticas agroecológicas.

A feira livre de Colônia Leopoldina é um espaço multifacetado, onde se entrelaçam práticas econômicas, relações sociais e expressões culturais. Ela representa uma estratégia de

sobrevivência e resistência para uma população que enfrenta adversidades socioeconômicas, mas que mantém vivas suas tradições e vínculos comunitários.

Investir em sua valorização — através da melhoria de infraestrutura, acesso a crédito, capacitação de feirantes e apoio institucional — é fundamental para consolidá-la como instrumento de desenvolvimento local sustentável. Reconhecer a feira como patrimônio cultural e econômico é também reconhecer a importância da economia popular e solidária para os municípios de pequeno porte do interior nordestino. As figuras 02 e 03 apresentam cenários da feira livre de Colonia Leopoldina.

Figura 02 - Vista parcial da rua Padre Francisco, rua principal da feira da cidade.



Fonte: Autor, 2025

Figura 03 - Feira livre de Colônia Leopoldina, banca de frutas e verduras.



Fonte: Autor, 2025.

4.5 A feira nos tempos modernos

Ao analisar a feira livre de Colônia Leopoldina, percebe-se que ela passou por transformações significativas entre o seu formato tradicional e a configuração que apresenta nos dias atuais. Historicamente, a feira constituía-se como o principal espaço de encontro entre os produtores rurais e os moradores da área urbana. Era realizada de forma bastante informal, com barracas improvisadas, negociações baseadas na confiança mútua e, em muitos casos, trocas diretas de produtos, sem a presença de intermediários. Esse modelo, comum em pequenas cidades do interior de Alagoas, desempenhava papel central no abastecimento da população, na integração entre o campo e a cidade e na circulação de renda local (Schneider, 2016; IBGE, 2022).

Naquele período, a feira não era apenas um ponto de comércio, mas também um espaço de sociabilidade, onde informações eram compartilhadas, vínculos comunitários eram reforçados e práticas culturais eram mantidas. A ausência de supermercados ou grandes estabelecimentos comerciais fazia da feira a principal — e, muitas vezes, única — alternativa para aquisição de gêneros alimentícios e outros produtos básicos. Esse cenário está em consonância com estudos realizados sobre feiras-livres em diferentes municípios alagoanos, nos quais se observa a forte dependência da população por esses espaços para o abastecimento doméstico (Silva; Morais; Moreira, 2021).

Com o avanço da urbanização, a diversificação das atividades econômicas e a inserção de novos canais de comercialização, a feira livre de Colônia Leopoldina passou a coexistir com supermercados, mercearias e pontos de venda informais espalhados pelo município. Essa mudança alterou, mas não eliminou, a importância da feira. Atualmente, observa-se uma organização mais estruturada, com a presença de tendas padronizadas, divisão de espaços por tipo de produto e ações coordenadas pela prefeitura, como a alteração de datas em função de eventos municipais. A variedade de mercadorias também se ampliou: além de frutas, verduras e carnes frescas, há produtos semi industrializados, artigos de vestuário e utensílios domésticos, evidenciando uma adaptação às novas demandas de consumo (Prefeitura Municipal de Colônia Leopoldina, 2023).

Apesar dessa modernização, muitos elementos tradicionais permanecem. A confiança entre feirantes e clientes continua sendo um diferencial, e a preferência por produtos frescos, oriundos de pequenas propriedades da região, reforça o caráter de circuito curto de comercialização, conceito que segundo Schneider (2016) garante maior retenção da renda no

território. Além disso, a feira mantém um papel cultural relevante, integrando o calendário festivo da cidade, como no caso da “feira do milho” durante o período junino ou das vendas reforçadas na Semana Santa, que atraem consumidores de povoados vizinhos.

No espaço urbano, a realização da feira provoca alterações temporárias na circulação e no uso do solo. Ruas centrais são fechadas para a instalação das bancas, o que aumenta o fluxo de pedestres e veículos no entorno. Essa dinâmica exige ações de gestão pública voltadas para organização do trânsito, limpeza e segurança, aspectos que não eram tão estruturados na feira de décadas passadas. Ainda assim, a ocupação do centro urbano nos dias de feira reforça a função centralizadora da cidade e sua posição como polo de comércio para a microrregião (IBGE, 2022).

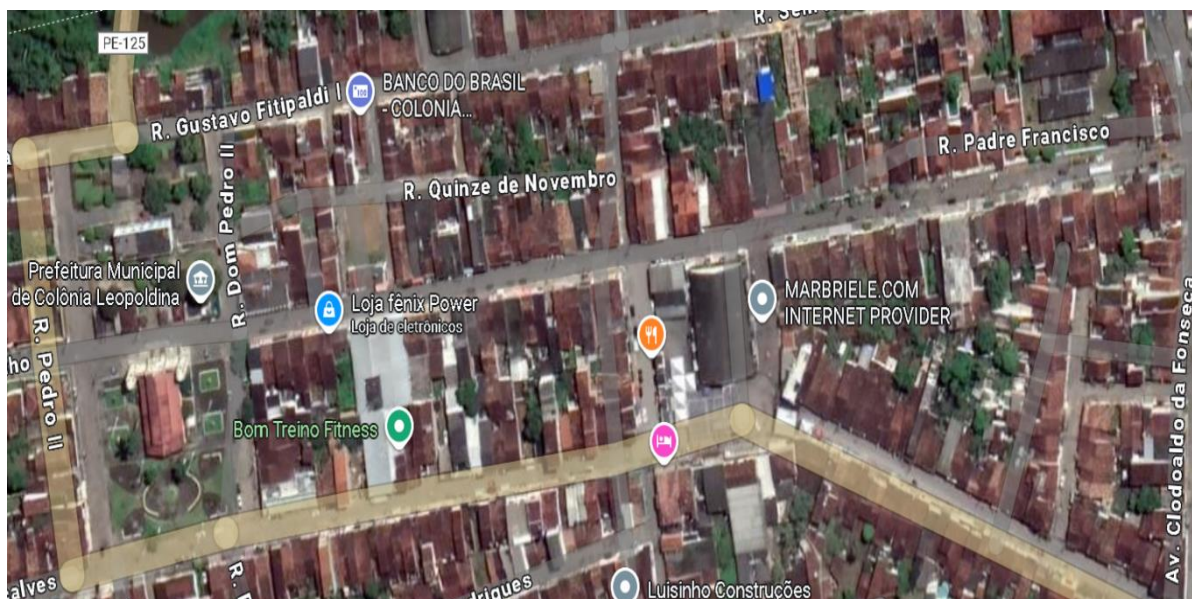
Portanto, a comparação entre a feira de antigamente e a feira nos tempos modernos em Colônia Leopoldina revela um processo de adaptação que preserva funções econômicas e culturais essenciais, ao mesmo tempo em que incorpora elementos de gestão e diversificação de oferta. Enquanto no passado a feira era praticamente o único meio de abastecimento e escoamento da produção local, hoje ela se insere em um contexto mais amplo de comércio, competindo e interagindo com outros canais de venda, mas mantendo-se como um espaço vital para a economia e para a identidade cultural do município (Figuras 04 e 05).

Figura 04 - Entrada principal do mercado público.



Fonte: Autor, 2025.

Figura 05 - Localização e arredores da feira de Colônia Leopoldina.



Fonte: Google Maps, 2025.

Em relação à sua estrutura física, a feira livre de Colônia Leopoldina apresenta configuração heterogênea, contando com aproximadamente 140 feirantes e cerca de 400 bancas. A maior parte dessas estruturas é composta por bancas de madeira, distribuídas em diferentes níveis de regularização. As bancas consideradas regulares correspondem àquelas vinculadas ao sistema administrativo municipal, cujos proprietários efetuam o pagamento de uma taxa semanal que varia entre R\$ 7,00 e R\$ 25,00, de acordo com o tipo de produto comercializado. Esse pagamento garante o direito de uso do espaço e maior integração à gestão formal da feira.

Verifica-se, contudo, um processo gradual de substituição das bancas de madeira por estruturas em metal ou ferro, com o objetivo de promover maior durabilidade, padronização e conformidade com as exigências sanitárias e de segurança alimentar. Paralelamente, persistem bancas classificadas como “irregulares”, instaladas principalmente nas calçadas próximas à área central da feira, o que compromete a fluidez do deslocamento de pedestres e interfere no tráfego de veículos no entorno.

A organização física da feira exerce papel fundamental tanto para a eficiência logística quanto para a qualidade sanitária dos produtos comercializados. Estruturas padronizadas e devidamente regulamentadas facilitam a circulação de consumidores, otimizam a distribuição das mercadorias e reduzem riscos de contaminação, especialmente no comércio

de produtos perecíveis como carnes, frutas e hortaliças. Além disso, um espaço bem estruturado contribui para o fortalecimento da imagem da feira, atraindo maior número de clientes e incentivando práticas comerciais mais seguras e sustentáveis, o que se reflete diretamente na economia local.

4.6 Perfil dos feirantes

Apesar de muitos feirantes de Colônia Leopoldina apresentarem baixo nível de escolaridade formal, o cotidiano da feira tem possibilitado o desenvolvimento de habilidades práticas essenciais para a permanência na atividade. Competências como a capacidade de negociação, a proximidade com os fregueses e a criação de vínculos de confiança tornam-se instrumentos indispensáveis para garantir o sucesso das vendas semanais. Essa realidade é semelhante à observada em Senador Rui Palmeira (AL), onde 75,13 % dos feirantes declararam depender exclusivamente da feira como fonte de renda familiar, sendo a maioria com apenas o ensino fundamental (Silva, 2021). Em estudos realizados em outras localidades, constatou-se que até 50 % dos feirantes são analfabetos, o que reforça o caráter de baixa escolarização presente nesse setor (Moura; Lima, 2020).

Mesmo diante de limitações formais de instrução, os feirantes desenvolvem estratégias para manter a competitividade. Em Colônia Leopoldina, é comum que muitos intensifiquem as vendas logo nas primeiras horas da manhã, antecipando a queda de preços que poderia ocorrer com a chegada de intermediários. Essa prática também foi observada em uma feira no sul de Minas Gerais, onde se verificou que a renda oriunda da feira é fundamental para a composição do faturamento dos empreendedores, sobretudo por permitir complementar a produção própria com produtos de maior demanda (Santos; Oliveira, 2019).

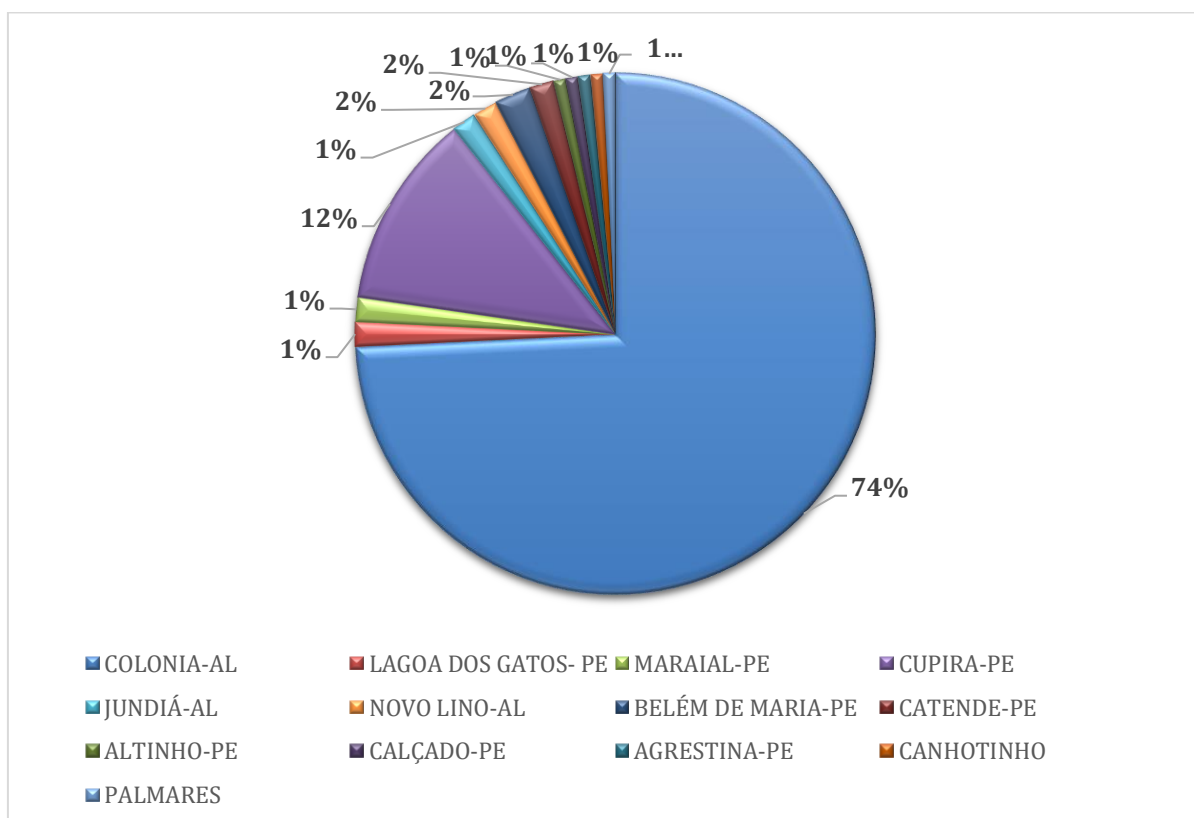
Para além de sua função econômica, a feira livre assume um papel social de destaque. Em Colônia Leopoldina, relações de confiança são facilmente percebidas em práticas como a realização de encomendas por telefone e a permanência da venda “no fiado”, sustentadas pelo respeito mútuo entre feirantes e consumidores. Dinâmica semelhante ocorre em Jacobina (BA), onde estudos mostram que “a feira livre assegura o sustento e o trabalho de muitos indivíduos, sobretudo daqueles que a têm como único meio de sobrevivência”, funcionando também como espaço de convivência e solidariedade (Carvalho; Nascimento, 2018).

Dessa forma, a feira de Colônia Leopoldina não se limita ao comércio de mercadorias: ela é um espaço de reprodução social e cultural, que garante renda, fortalece laços comunitários e se configura como parte indispensável da vida econômica e simbólica do município.

4.7 Distribuição dos feirantes, por localidade

Observa-se na Figura 06, a seguir, que a maior parte dos comerciantes é residente no próprio município de Colônia Leopoldina, totalizando 98 feirantes (aproximadamente 74,24% do total). Esse número confirma a centralidade da feira para a economia local, evidenciando que ela é fortemente abastecida por produtores e comerciantes da própria cidade, o que favorece o fortalecimento da economia interna e o encurtamento das cadeias de comercialização.

Figura 06 - Feirantes na feira de Colônia Leopoldina, por localidade de origem.



Fonte: Autor, 2025.

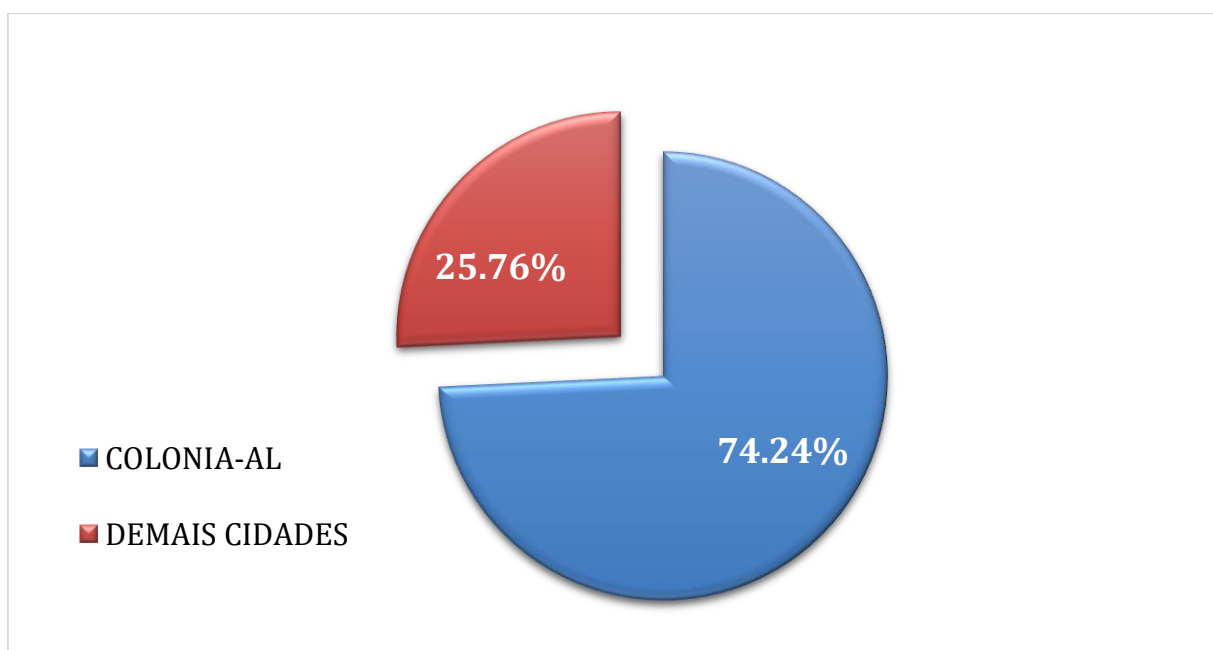
O segundo maior grupo é composto por feirantes vindos de Cupira – PE, com 16 participantes (12,12%), o que indica que, mesmo sendo um evento de caráter local, a feira também exerce atração comercial sobre municípios vizinhos, especialmente de Pernambuco.

Isso pode estar relacionado à proximidade geográfica, rotas de comércio e complementaridade de produtos.

4.8 Distribuição feirantes locais e feirantes não locais

Observa-se que 74,24% dos feirantes são moradores de Colônia Leopoldina, o que confirma a predominância de comerciantes locais no funcionamento da feira (Figura 07). Esse percentual indica que a feira é fortemente abastecida pela própria comunidade, desempenhando um papel essencial na circulação interna de renda, na valorização da produção local e no fortalecimento dos circuitos curtos de comercialização, nos quais a distância entre produtor e consumidor é reduzida e a relação comercial tende a ser mais direta.

Figura 07 - Composição entre feirantes residentes e não residentes da feira de Colônia Leopoldina.



Fonte: Autor, 2025

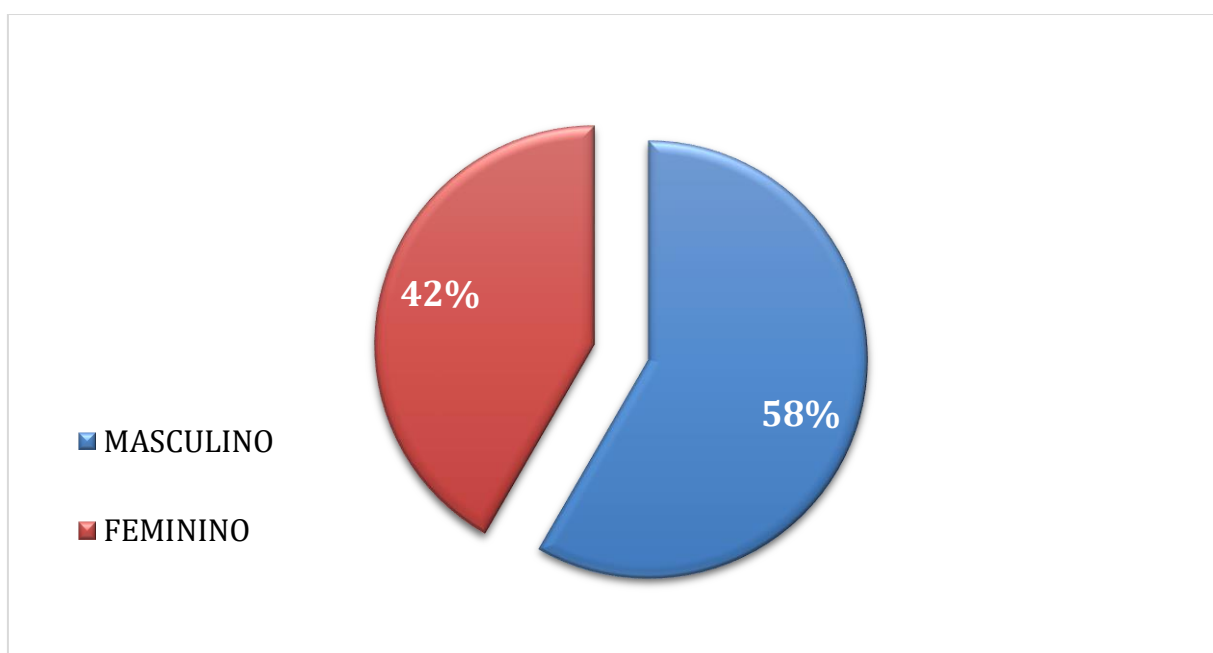
Por outro lado, 25,76% dos feirantes vêm de outros municípios, tanto de Alagoas quanto de estados vizinhos, como Pernambuco. Essa participação externa demonstra que, embora a feira tenha uma base local sólida, ela também exerce atração sobre comerciantes de outras regiões, ampliando a diversidade de produtos ofertados e fomentando o intercâmbio econômico e cultural. Essa presença de vendedores externos contribui para que a feira se

consolide como ponto de convergência regional, atraindo consumidores que buscam variedade, qualidade e preços competitivos.

4.9 Distribuição dos feirantes, por gênero

A predominância masculina (Figura 08) indica que, historicamente, a participação dos homens ainda é ligeiramente maior no comércio de feira, possivelmente devido a fatores como a força física exigida para montagem e desmontagem das barracas, o transporte de mercadorias e a presença de produtos que demandam manejo mais pesado (como carnes, frutas em caixas e cereais a granel).

Figura 08 - Distribuição dos feirantes da feira livre de Colônia Leopoldina, por gênero.



. Fonte: Autor, 2025.

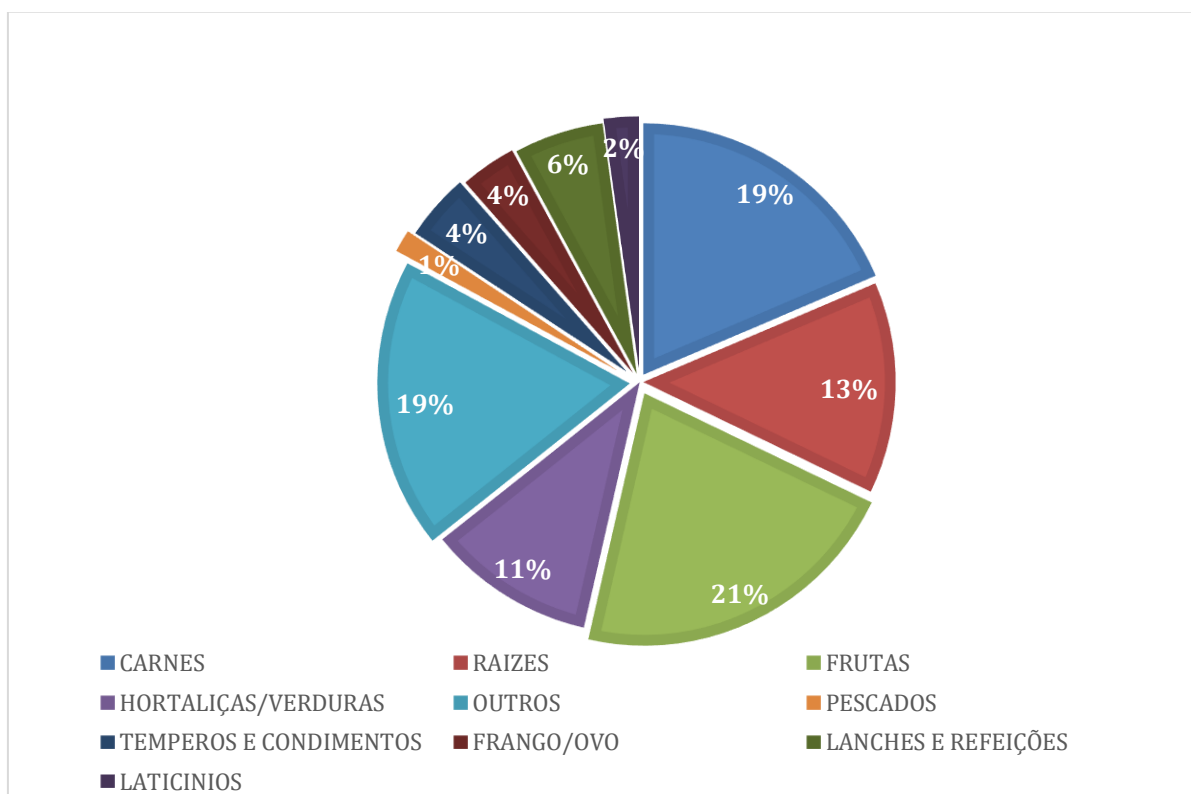
No entanto, a participação expressiva de 42% de mulheres evidencia um espaço significativo ocupado por elas nesse ambiente, o que reforça o papel feminino não apenas no atendimento ao público, mas também na gestão e condução dos negócios familiares. Em muitas feiras, as mulheres se destacam na comercialização de hortaliças, produtos processados artesanalmente, roupas, utensílios e outros itens que demandam maior interação com o cliente e habilidades de negociação (Silva; Moraes; Moreira, 2021).

Essa composição de gêneros indica que a feira livre é um espaço de participação econômica inclusiva, ainda que com predominância masculina, e que a presença feminina contribui de forma significativa para a diversidade de produtos, a qualidade do atendimento e a dinâmica social da feira. Estudos sobre feiras livres ressaltam que essa diversidade de atores fortalece a coesão social e mantém vivas tradições culturais, ao mesmo tempo em que gera renda e sustento para as famílias (Schneider, 2016).

4.10 Produtos comercializados na feira livre de Colônia Leopoldina

Na Figura 09 é mostrada a variedade de produtos vendidos na feira livre de Colônia Leopoldina – AL, totalizando 140 registros.

Figura 09 - Produtos ofertados por feirantes na feira de Colônia Leopoldina.



Fonte: Autor, 2025.

Os produtos mais vendidos são frutas (30 ocorrências, 21,43%) e carnes (26 ocorrências, 18,57%). Logo depois vem a categoria outros produtos (26 ocorrências, 18,57%), que inclui itens como roupas, utensílios domésticos, calçados, artigos de higiene, brinquedos e ferramentas.

Em seguida aparecem as raízes (19 ocorrências, 13,57%), como macaxeira, batata-doce e inhame, e as hortaliças/verduras (15 ocorrências, 10,71%), que são produtos frescos muito procurados no dia a dia.

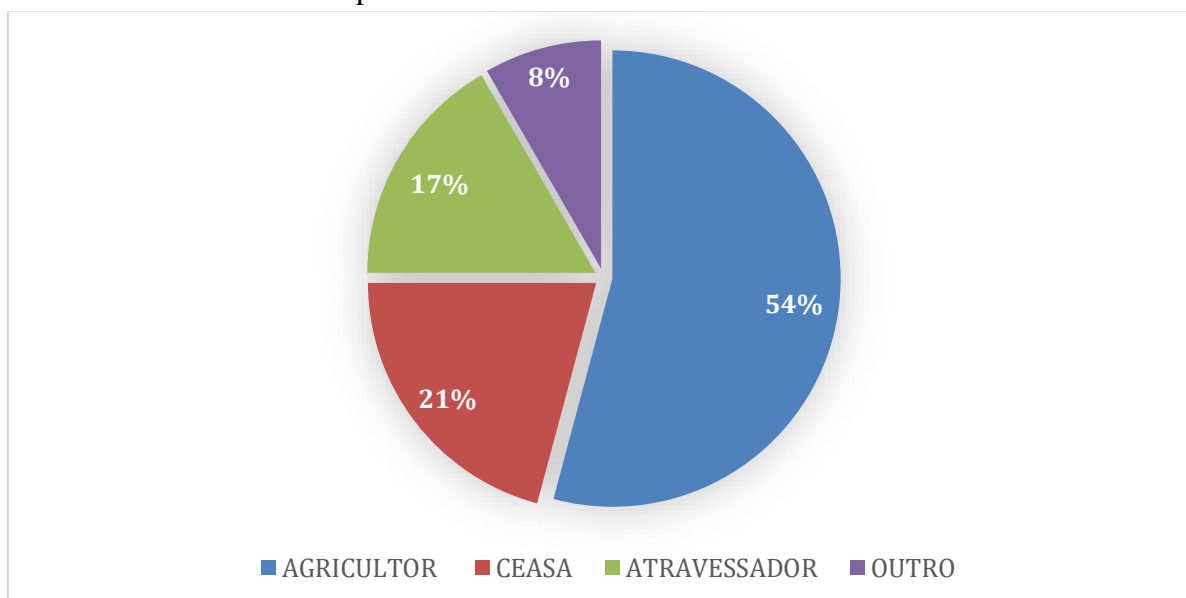
As demais categorias têm menor participação, como lanches e refeições prontas (8 ocorrências, 5,71%), temperos e condimentos (8 ocorrências, 5,71%), frango/ovo (6 ocorrências, 4,29%), laticínios (3 ocorrências, 2,14%) e pescados (2 ocorrências, 1,43%).

Essa distribuição mostra que a feira oferece uma grande diversidade de produtos, atendendo desde as necessidades básicas de alimentação até a compra de artigos domésticos e utilidades. Além disso, confirma a importância da feira como espaço de abastecimento, de geração de renda e de convivência para a população local.

4.11 Fontes de comercialização na feira de Colônia Leopoldina

A figura 10 revela que 54% dos produtos da feira livre de Colônia Leopoldina-AL são provenientes diretamente de agricultores locais, evidenciando a importância da agricultura familiar como eixo central do abastecimento. Segundo Schneider, Cazella e Mattei (2016), as feiras são espaços estratégicos para fortalecer economias locais e preservar práticas culturais.

Figura 10 - Origem e canais de entrada dos produtos comercializados na feira livre de Colônia Leopoldina.



Fonte: Autor, 2025.

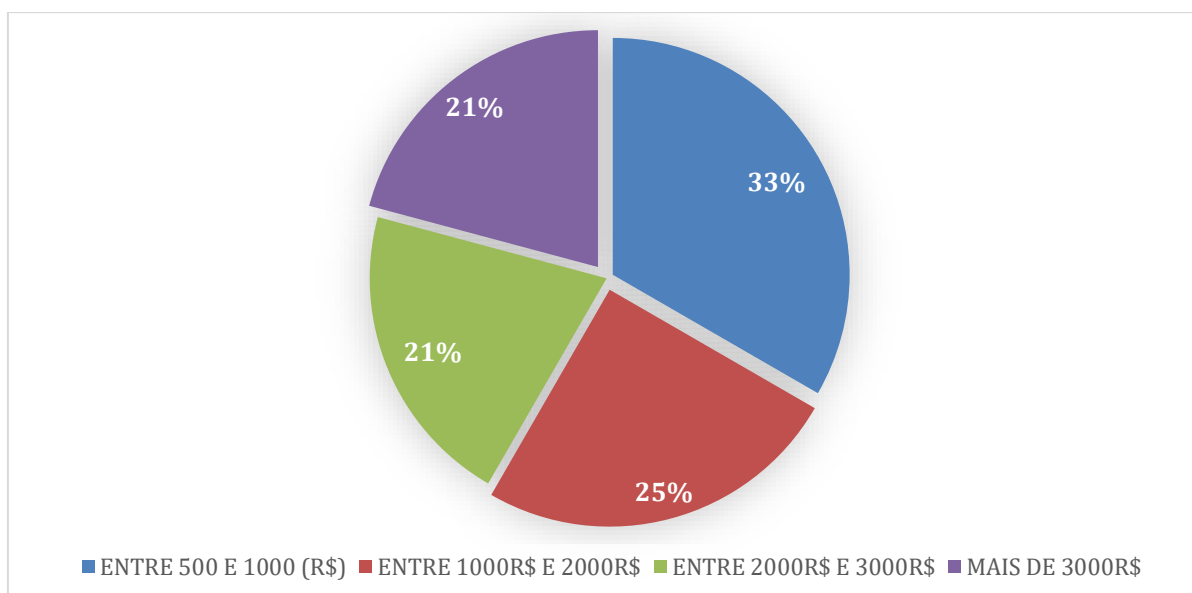
O CEASA responde por 21% e garante variedade de produtos não cultivados na região, enquanto os atravessadores representam 17%, atuando como intermediários que podem ampliar a oferta, mas também influenciar os preços (Silva; Batalha, 2010). A categoria “Outros” (8%) inclui aquisições em feiras vizinhas, doações ou trocas.

A predominância de produtos locais reforça o papel socioeconômico da feira e sua função de manter a renda circulando no município. Entretanto, a dependência parcial de canais externos aponta para a necessidade de políticas de incentivo à produção local e melhoria da infraestrutura de comercialização (Costa et al., 2020).

4.12 Renda média bruta dos feirantes, por feira, em Colônia Leopoldina

A análise da figura 11 evidencia que a maior parte dos feirantes de Colônia Leopoldina-AL obtém renda bruta por feira na faixa de R\$ 500,00 a R\$ 1.000,00, totalizando 8 entrevistados, o que corresponde a cerca de um terço do total. Esse dado confirma que muitos produtores trabalham em pequena escala, com produção majoritariamente familiar e baixo nível de mecanização, o que limita o volume ofertado.

Figura 11 - Renda média bruta dos feirantes, por feira livre, em Colônia Leopoldina.



Fonte: Autor, 2025.

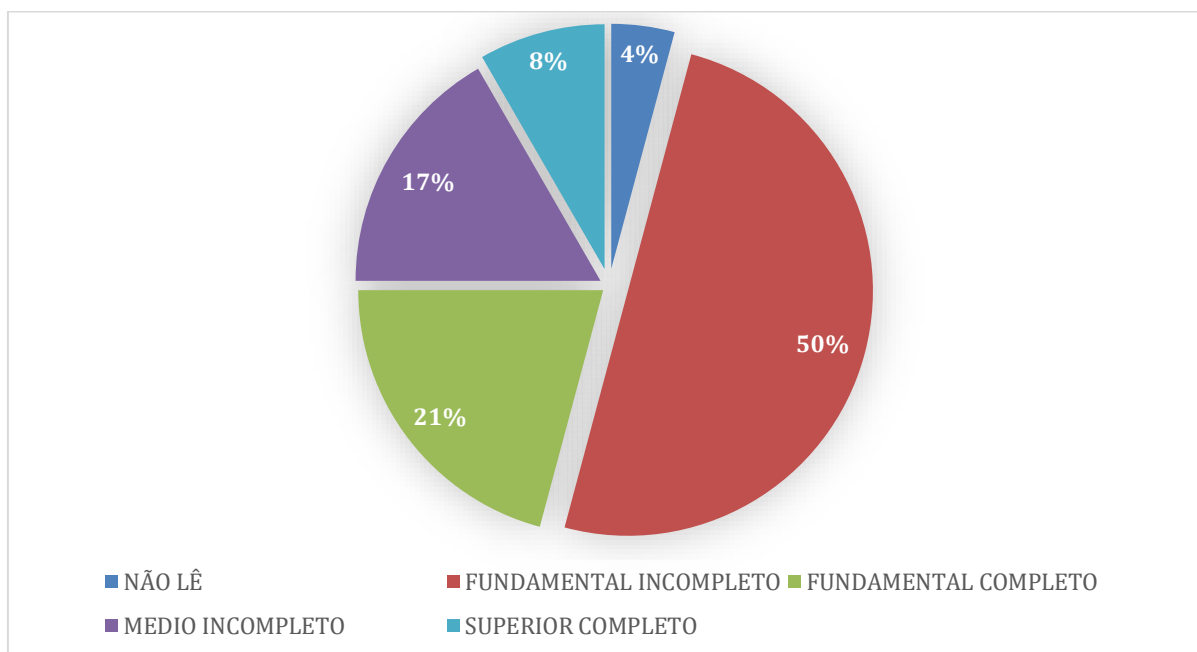
As faixas seguintes, entre R\$ 1.000,00 e R\$ 2.000,00 (6 feirantes) e R\$ 2.000,00 a R\$ 3.000,00 (5 feirantes), mostram que existe um grupo intermediário capaz de gerar maior faturamento. Isso pode estar relacionado à diversificação de culturas, melhor organização na

produção e venda, e presença de clientela consolidada. Já o grupo que fatura acima de R\$ 3.000,00 (5 feirantes) provavelmente combina produção em maior escala com práticas de gestão mais eficientes e boa posição dentro da feira, favorecendo a visibilidade e a comercialização.

4.13 Nível de escolaridade dos feirantes da feira livre de Colônia Leopoldina

A análise da figura 12 que a maior parte dos feirantes da feira livre de Colônia Leopoldina-AL possui ensino fundamental incompleto (12 entrevistados), o que confirma um perfil bastante comum entre trabalhadores da agricultura familiar no Brasil, onde a prioridade muitas vezes é o trabalho no campo em detrimento da formação escolar formal. Essa realidade, embora não impeça a produção e comercialização, pode dificultar o acesso a informações técnicas mais complexas e a programas de apoio que exigem maior nível de escolaridade.

Figura 12 - Distribuição dos feirantes entrevistados, por grau de escolaridade.



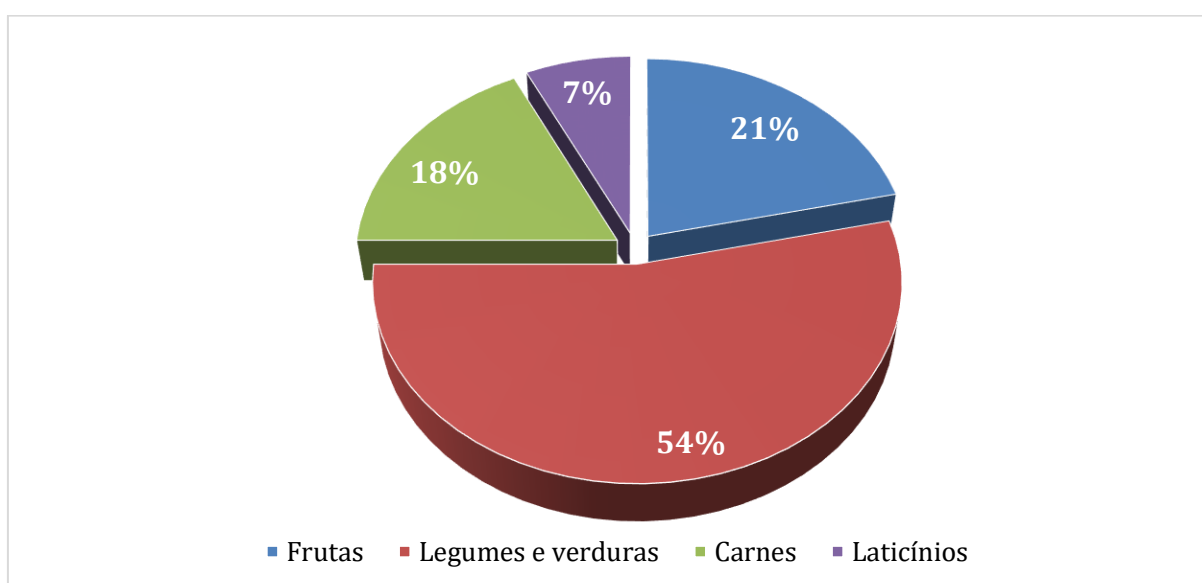
Fonte: Autor, 2025.

O grupo com ensino fundamental completo representa 5 feirantes, enquanto 4 possuem ensino médio incompleto e 2 concluíram o ensino superior. Apenas um entrevistado declarou não saber ler. Esses dados mostram que, mesmo com alguns casos de maior escolarização, a maioria ainda concentra sua experiência no conhecimento prático adquirido ao longo dos anos de trabalho.

4.14 Produtos mais comercializados na feira livre de Colônia Leopoldina

A Figura 13 demonstra que legumes e verduras representam a categoria mais consumida na feira livre de Colônia Leopoldina-AL, com 15 registros, o que corresponde à maioria das preferências dos entrevistados. Esse resultado confirma que o público da feira busca, principalmente, produtos frescos e de origem local, reforçando a importância da horticultura na economia agrícola do município.

Figura 13 - Produtos mais comercializados na feira livre de Colônia Leopoldina.



Fonte: Autor, 2025.

O local passou a ser mais higienizado e organizado. Com a nova localidade, a estrutura passou a ser dividida em partes, como a feira livre, a área de comercialização de carnes e uma terceira parte representada pela alimentação e bebidas. De acordo com alguns poucos feirantes, assim também como administrador da feira, essa nova organização foi benéfica uma vez que a funcionabilidade e estrutura melhorou significativamente.

As frutas aparecem em segundo lugar, com 6 registros, seguidas pelas carnes (5 registros). Esses números mostram que, embora a feira apresente variedade de itens, a maior parte das compras está concentrada em produtos vegetais in natura. Isso pode estar relacionado a fatores como preço acessível, frescor, valor nutricional e diversidade de espécies cultivadas na região.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo permitiu compreender que a feira livre de Colônia Leopoldina desempenha um papel central tanto na economia quanto na vida social e cultural do município. Verificou-se que a feira é responsável por dinamizar a economia local, gerar renda para um número expressivo de famílias e assegurar o escoamento da produção agrícola, sobretudo da agricultura familiar.

Os resultados mostraram ainda que a feira é majoritariamente formada por feirantes locais, o que reforça sua importância para a circulação interna de recursos e para a valorização da produção regional. Apesar disso, também atrai comerciantes de outros municípios, ampliando a diversidade de produtos e fortalecendo seu caráter regional.

No aspecto cultural e social, a feira se revelou como espaço de convivência e identidade comunitária, onde prevalecem relações de confiança e solidariedade entre feirantes e consumidores. Tais práticas contribuem para a preservação de tradições locais e para a coesão social.

Entretanto, foram identificados desafios, como a falta de infraestrutura adequada, a predominância da informalidade e a concorrência com canais modernos de comercialização. Esses aspectos apontam para a necessidade de políticas públicas que promovam melhorias estruturais, incentivo à produção local e capacitação dos feirantes.

Conclui-se, portanto, que a feira livre de Colônia Leopoldina deve ser reconhecida como um patrimônio econômico e cultural do município. Seu fortalecimento depende de ações que conciliem tradição e modernização, garantindo sua continuidade como espaço de inclusão, identidade e desenvolvimento sustentável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALAGOAS. Plano Estadual de Desenvolvimento Sustentável da Agricultura Familiar – PEDSAF. Maceió: SEAGRI, 2017.

ARAÚJO, J. R. T. de. **Logística de distribuição**: canais de marketing. São Paulo: Atlas, 2013.
CARVALHO, L. A.; NASCIMENTO, A. P. A feira livre de Jacobina (BA): práticas sociais e estratégias de sobrevivência. **Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas**, v. 11, n. 2, p. 145-160, 2018.

COSTA, G. L. Silva. **Memórias vivas do povo leopoldinense**. Colônia Leopoldina, AL, 2014.

COSTA, J. H. Q. et al. Perfil socioeconômico e produtivo dos feirantes da feira agroecológica itinerante do bairro do Eustáquio Gomes, Maceió-AL. **Cadernos de Agroecologia**, v. 15, n. 2, 2020. Disponível em ALMEIDA, F. A. de. Gestão de canais de marketing: um enfoque estratégico. São Paulo: Atlas, 1999.: <https://cadernos.aba-agroecologia.org.br/cadernos/article/view/3687>. Acesso em: 06 ago. 2025.

COUGHLAN, A. T. et al. **Canais de marketing e distribuição**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2002.

FERREIRA, L. T. A feira como prática social: origens e permanências. **Revista Brasileira de História**, 2003.

GEERTZ, Clifford. O Souk de Sefrou: Sobre a Teoria Econômica e os Mercados Tradicionais. In: **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1978.

IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua: Características dos Municípios. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

JORNAL MINHA COLÔNIA. **Colônia Leopoldina**. Nº 1, janeiro de 2007.

KOTLER, P. **Administração de marketing**: análise, planejamento, implementação e controle. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

KOTLER, P. **Marketing para o século XXI**: como criar, conquistar e dominar mercados. São Paulo: Futura, 1998.

L. C. (org.). **Sistemas alimentares e segurança alimentar e nutricional**: abordagens interdisciplinares. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2019.

LESSA, Carlos. **O Brasil Necessário**: Mercado Interno e Projeto Nacional. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

LIMA, R. P. et al. Circuitos curtos de comercialização e consumo alimentar: reflexões e experiências no Brasil e na América Latina. In: SILVA, E. M. S.; SOUSA, J. L. P.; SANTOS, MALUF, R. S. Segurança alimentar e nutricional e desenvolvimento rural sustentável. **Revista Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 12, n. 1, p. 43–63, 2004.

MELO NETO, J. F. **Colônia Leopoldina** – um olhar crítico para a cidade (cultura, educação, escola e política). João Pessoa: CCTA/UFPB, 2019.

MENDES, M. G. **Canais de distribuição: uma análise estratégica da escolha dos canais de distribuição utilizados pelas empresas de pequeno porte do setor alimentício da cidade de Campinas/SP**. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2009.

MOURA, F. C.; LIMA, R. S. Perfil socioeconômico e educacional dos feirantes em municípios do semiárido nordestino. **Revista Contemporânea de Economia e Gestão**, v. 18, n. 3, p. 233-250, 2020.

NEVES, M. F. **Marketing e canais de distribuição: estudo de casos em empresas de alimentos**. São Paulo: Atlas, 2003.

ROSENBLOOM, B. **Canais de marketing**. 5. ed. São Paulo: Thomson Learning, 2002.

SANTOS, G. M.; OLIVEIRA, T. R. A importância da feira livre para os pequenos empreendedores rurais em Itajubá (MG). **Revista NUPEM**, v. 11, n. 20, p. 85-101, 2019.

SANTOS, Maria Cecília. **Feiras Livres e Sociabilidade Popular: Cultura e Economia nas Ruas Brasileiras**. São Paulo: Cortez, 2008.

SCHNEIDER, S. **A diversidade da agricultura familiar**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2010.

SCHNEIDER, S. A pluriatividade e o desenvolvimento rural no Brasil. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 24, n. 1, p. 134-161, 2016.

SEBRAE/AL. **Diagnóstico das feiras livres do estado de Alagoas**. Maceió: SEBRAE, 2020.

SECOM-AL. **Cultivo de banana, abacaxi, feijão e laranja**. Governo do Estado de Alagoas, 2020.

SILVA, J. F. **Uma análise do perfil socioeconômico dos feirantes de Senador Rui Palmeira-AL**. Monografia (Graduação em Ciências Econômicas) – Universidade Federal de Alagoas, Santana do Ipanema, 2021.

SILVA, J. P.; OLIVEIRA, M. A. Feiras livres em Alagoas: espaços de resistência e cultura popular. **Cadernos de Cultura Popular**, 2015

SILVA, Ronaldo. **Comércio Popular e Resistência Urbana**. Recife: EdUFPE, 2015.

SPROSSER, F. I. T. Circuitos curtos de comercialização: uma alternativa para a agricultura familiar. **Revista Retratos de Assentamentos**, v. 4, n. 1, p. 59–74, 2001.

SPROSSER, F. I. T.; LIMA FILHO, D. O. Canais de comercialização e a inserção da agricultura familiar no mercado. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 2, n. 2, p. 1076-1080, 2007.

STERN, L. W. et al. **Marketing channels**. 5. ed. Upper Saddle River: Prentice Hall, 1996.

WAQUIL, P. D.; MIELE, M.; SCHULTZ, G. A. Canais de comercialização para produtos da agricultura familiar: uma análise da produção agroecológica no Rio Grande do Sul. **Revista de Economia e Sociologia Rural, Brasília**, v. 48, n. 2, p. 355-368, 2010.

WILKINSON, J. A relevância da abordagem dos sistemas agroalimentares globais para o estudo dos mercados e da agricultura familiar no Brasil. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v. 25, n. 2, p. 379-396, 2008.